

## REGRA DE ABRANDAMENTO DA VELAR NO ESPANHOL, GALEGO E PORTUGUÊS

Claiz Passos

O presente estudo, tradução do capítulo III de minha tese de mestrado "Historical Considerations of the Stridents: Galician, Portuguese, Spanish", apresentada em maio de 1970 à Universidade do Texas em Austin, demonstra, através de observações feitas sobre o comportamento das velares em espanhol, galego e português, a ausência de justificativa psicológica para considerar-se a regra de abrandamento da velar como regra principal (*major rule*) nas gramáticas das três línguas. Propõe-se uma nova abordagem com referência ao abrandamento da velar.

### 1. Alternâncias velares no espanhol, galego e português.

O português assim como o galego e o espanhol possuem as seguintes variações fonéticas:

Espanhol: <sup>1</sup>

$$a) \left\{ \begin{array}{c} k \\ g \end{array} \right\} // \text{---} \left\{ \begin{array}{c} u \\ o \\ a \end{array} \right\} \text{ alternado com } \left\{ \begin{array}{c} \theta \\ X \end{array} \right\} // \text{---} \left\{ \begin{array}{c} e \\ i \end{array} \right\}$$

1 1 1 1

$$b) \left\{ \begin{array}{c} k \\ g \end{array} \right\} // \text{---} V$$

$$c) \left\{ \begin{array}{c} k^w \\ g^w \end{array} \right\} // \text{---} V$$

---

(1) James A. Foley — *Spanish Morphology*, Dissertation (University of Nebraska, 1960) pp. 41-45.

Galego: <sup>2</sup>

$$\text{a) } \begin{Bmatrix} k \\ g \end{Bmatrix} / \text{---} \begin{Bmatrix} u \\ o \\ a \end{Bmatrix} \text{ alternado com } \begin{Bmatrix} \theta \\ s \end{Bmatrix} / \text{---} \begin{Bmatrix} e \\ i \end{Bmatrix}$$

1 1  1 1

$$\text{b) } \begin{Bmatrix} k \\ g \end{Bmatrix} / \text{---} \text{ V}$$

$$\text{c) }^3 \begin{Bmatrix} k^w \\ g^w \end{Bmatrix} / \text{---} \text{ V}$$

Português: <sup>4</sup>

$$\text{a) } \begin{Bmatrix} k \\ g \end{Bmatrix} / \text{---} \begin{Bmatrix} u \\ o \\ a \end{Bmatrix} \text{ alternado com } \begin{Bmatrix} s \\ z \end{Bmatrix} / \text{---} \begin{Bmatrix} e \\ i \end{Bmatrix}$$

1 1  1 1

$$\text{b) } \begin{Bmatrix} k \\ g \end{Bmatrix} / \text{---} \text{ V}$$

$$\text{c) }^5 \begin{Bmatrix} k^w \\ g^w \end{Bmatrix} / \text{---} \text{ V}$$

Observa-se o seguinte, nas 3 línguas:

(1) A variação do a) acima não aparece em posição inicial. A única exceção parece ser “cinco” [‘sĩku], “quinto” [‘kĩtu], em português; “cinco” [‘θinko], “quinto” [‘kinto] em espanhol, “cinco” [‘θinko], “quinto” [‘kinto] em galego.

(2) Nenhuma análise fonológica do galego, baseada na Teoria Generativa, foi feita. Este estudo está baseado em fatos tomados de várias gramáticas tradicionais e da informação de um falante nativo.

(3) [s] e [θ] alternam em galego, dependendo da região onde a língua é falada.

(4) Lea Andrade Paviani — *Brazilian Portuguese Morphophonology*, Thesis (University of Texas, 1969), pp. 73-76.

(5) A única razão para admitir-se um fonema, em vez de dois, é a de concordar com a proposta de Paviani.

(2) As formas mais freqüentes são:

$$\left\{ \begin{array}{c} k \\ g \end{array} \right\} / \text{---} \quad V$$

$$\left\{ \begin{array}{c} k^w \\ g^w \end{array} \right\} / \text{---} \quad \left[ \begin{array}{c} V \\ + \text{posterior} \end{array} \right]$$

As formas raras são:

$$\left\{ \begin{array}{c} k^w \\ g^w \end{array} \right\} / \text{---} \quad \left[ \begin{array}{c} V \\ - \text{baixo} \\ - \text{posterior} \end{array} \right]$$

e a palatalização das velares não é freqüente e tem uma distribuição muito especial.

(3) As variações, na maioria dos casos, não ocorrem em paradigmas flexionais.

(4) Embora uma investigação mais minuciosa precise ser feita, parece que, quando os sufixos que ocasionam palatalização da velar, ainda são produtivos, eles não mais exigem palatalização em português. O sufixo *-ismo* se alterna em palavras tais como:

*criticismo* [kriti'sismu]                      *criticar* [kriti'kah]

os sufixos *-ismo* e *-ista* aparecem nas palavras abaixo, sem produzirem nenhuma variação:

|                                  |                             |
|----------------------------------|-----------------------------|
| <i>empreguismo</i> [eypre'gismu] | <i>empregar</i> [eypre'gah] |
| <i>empreguista</i> [eypre'gistô] | <i>emprego</i> [ey'pregu]   |
| <i>entreguismo</i> [eytre'gismu] | <i>entregar</i> [eytre'gah] |
| <i>entreguista</i> [eytre'gistô] |                             |

Harris tenta justificar a falta de palatalização diante de certos sufixos em espanhol pelo aparecimento ou não do limite de palavra, antes do sufixo. Mas, como ele próprio afirma:

While the sketchily outlined suggestions obviously have some merit, they perhaps arise as many questions as they answer.<sup>6</sup>

(6) James W. Harris — *Spanish Phonology* (Massachusetts, 1969), p. 176.

(5) A maioria das palavras a que se aplica a regra de abrandamento da velar são vocábulos eruditos.

2. *Tratamentos anteriores dados à regra de abrandamento da velar.*

Uma tentativa de solução será apresentada como uma alternativa à solução de James A. Foley<sup>7</sup> em sua abordagem do espanhol e ao tratamento do português, de Lea Andrade Paviani<sup>8</sup>. Foley propõe as formas subjacentes |k| e |g| para o caso a) com a seguinte regra de assibilação:

$$k \longrightarrow ts / \text{ ——— } \left\{ \begin{array}{c} i \\ e \end{array} \right\}$$

Posteriormente, regras da gramática espanhola convertem [ts] em [ss] e, finalmente, em [s].

|                        |           |   |           |
|------------------------|-----------|---|-----------|
| Assimilação:           | ts        | → | ss        |
| Regra de alongamento:  | ss        | → | $\bar{s}$ |
| Regra de encurtamento: | $\bar{s}$ | → | s         |

Foley apresenta argumentos para o aparecimento de cada uma das regras acima na gramática espanhola. As três últimas regras foram citadas só para mostrar a solução de Foley; entretanto, a primeira regra é a única que tem relação direta com este estudo. Com tal solução, ele é capaz de explicar as seguintes alterações em espanhol:

|                                  |                                 |
|----------------------------------|---------------------------------|
| <i>médico</i> [’mediko]          | <i>medicina</i> [medi’θina]     |
| <i>rigor</i> [ri’gor]            | <i>rígido</i> [riXido]          |
| <i>fuga</i> [’fuga]              | <i>fugitivo</i> [fuXi’tivo]     |
| <i>sacrificar</i> [Sakri’fi’kar] | <i>sacrificio</i> [Sakri’fiθio] |

O aparecimento de  $\left\{ \begin{array}{c} k \\ g \end{array} \right\}$  fonéticos antes de qualquer vogal é interpretado como tendo estruturas subjacentes com um |k| seguido pela semivogal |w|. Uma regra surge, mais tarde, que faz desaparecer tal semivogal:

$$Cw \longrightarrow C$$

(7) Foley — *Spanish Morphology* — pp. 41-45.

(8) Paviani, pp. 73-76.

|                        |                        |
|------------------------|------------------------|
| <i>aqui</i> [a'ki]     | <i>querer</i> [ke'rer] |
| <i>que</i> [ke]        | <i>quince</i> ['kinθe] |
| <i>quitar</i> [ki'tar] |                        |
| <i>quien</i> [kyen]    | <i>quilla</i> ['kila]  |

Para  $\left\{ \begin{array}{l} k^w \\ g^w \end{array} \right\}$  fonéticos, as formas subjacentes são uma velar seguida por um | u |. Mais tarde, Foley aplica as regras de sinérese e labialização a essas formas:

$$\begin{array}{l} Cu \longrightarrow C^w / \text{———} V \\ Cw \longrightarrow C^w \end{array}$$

Palavras tais como as seguintes sofrem a derivação acima:

|   |
|---|
| <i>antiguo</i> [an'tig <sup>w</sup> o]      |
| <i>antiguedad</i> [antig <sup>w</sup> edad] |
| <i>cualidad</i> [k <sup>w</sup> alidad]     |

A mesma solução é dada para o português por Paviani. A única diferença entre as duas soluções é como a derivação de certas palavras é explicada em ambas as línguas.

As soluções de Foley e Paviani atingem adequação de descrição no sentido em que são capazes de descrever os dados de ambas as línguas; não há dúvida que são baseadas em algumas mudanças históricas do latim para as línguas românicas. Além disso, pode-se ver facilmente que o uso do subjacente | w | é uma solução ad hoc. Não há outro motivo para a forma subjacente | w | a não ser a de fazer com que as regras funcionem. Pelo menos em português, a evidência mostra que a única posição onde se precisa uma forma subjacente | w | é antes de  $\left\{ \begin{array}{c} V \\ -\text{posterior} \\ -\text{baixo} \end{array} \right\}$  e depois de  $\left\{ \begin{array}{c} k \\ g \end{array} \right\}$ .

### 3. *Tentativa de abordagem da regra de abrandamento da velar.*

O fato de que as velares iniciais palatalizadas não alternam com velares não-palatalizadas, pode sugerir uma regra secundária (minor rule) relacionada a um processo gramatical. Os únicos exemplos contrários encontrados são:

Espanhol:

*cinco* ['θinko]  
*cincuenta* [θin'k<sup>w</sup>enta]  
*quinto* ['kinto]  
*quinientos* [ki'nyentoS]  
*quinze* ['kinθe]

Galego:

*cinco* ['θinko]  
*cincuenta* [θin'k<sup>w</sup>enta]  
*quinto* ['kinto]  
*cincoentos* [θin'k<sup>w</sup>entoS]  
*quinze* ['kinθe]

Português:

*cinco* ['sīku]  
*cinquenta* [sī'k<sup>w</sup>ētə]  
*quinto* ['kītu]  
*quinhentos* [kī'ñētus]  
*quinze* ['kīzi]

Deve-se decidir se as formas subjacentes das palavras acima devem ser relacionadas e também se uma regra ad hoc deveria ser escrita a fim de descrever uma única raiz. Além disso trata-se de números e é muito difícil escrever regras para derivar números. Também a forma subjacente de 'cinco' (Latim *quinque*) deve ser reestruturada para dar o resultado | s | ou | θ | nas três línguas.

Williams faz a seguinte observação sobre a forma de 'cinco':

"*Quinque* —→ *cinque* —→ *cinco*. There were two u's in this work in Classical Latin; the first of them fell by dissimilation in Vulgar Latin."<sup>9</sup>

Menéndez Pidal também se refere a essa dissimilação que teve lugar no Latim vulgar:

Comparando los derivados romances de *quinque* y *quinquaginta* con los de *quindecim* y *quingentos*, se deduce que el

---

(9) Edwin B. Williams — *From Latin to Portuguese*, (Philadelphia, 1926), p. 134.

latín vulgar en los dos primeros casos esquivaba la repetición de los dos sonidos qu próximos, convirtiendo el primero en Q o C, y decía cinco, de donde 'cinco'y cinquenta, de donde 'cincuenta'.<sup>10</sup>

Ambos os autores admitem que a forma sofreu o tipo de mudança que Foley está se referindo no latín vulgar. O presente estudo propõe que 'cinco' e 'quinto' entrem no léxico do espanhol, galego e português com duas formas subjacentes diferentes, isto é, um morfema supletivo é proposto para eles.

Este trabalho sugere as mesmas formas subjacentes para (a) e (b), desde que elas têm as mesmas exteriorizações (outputs). Para o caso (c), as formas subjacentes serão as mesmas usadas por Foley e Paviani.

| ku | e | gu |

Há evidência suficiente para essas formas subjacentes, uma vez há uma regra muito geral em cada uma dessas línguas

que transforma  $\left\{ \begin{array}{c} V \\ +alta \\ -acento \end{array} \right\}$  em semivogal, quando seguida ou

precedida por outra vogal. Regras serão aplicadas aos | ku | e | gu | subjacentes, a fim de produzir os resultados seguintes: [k<sup>w</sup>] e [g<sup>w</sup>]. Para explicar a alternância do caso (a), um indicador diacrítico será usado, mostrando que as formas que sofrem alteração entraram no léxico das línguas com o seguinte traço:

[ + regra de abrandamento da velar ]

Essa regra é considerada uma regra secundária, desde que, como se mostrou anteriormente, não há justificativa psicológica para convertê-la em uma regra principal (major rule) no estágio sincrônico das três línguas. Mesmo se tal solução não capturar uma maior generalização, fornece uma descrição mais adequada do que ocorre nas três línguas. Essas alternâncias são poucas em número e são restritas quase só a um grupo de sufixos latinos. Há muitas palavras derivadas com vários sufixos que não sofrem alternância.

---

(10) Ramón Menéndez Pidal — *Manual de Gramática Histórica Española* — (Madrid, 1929) p. 149.

Espanhol:

|                             |                                  |
|-----------------------------|----------------------------------|
| <i>barco</i> [ˈbarko]       | <i>barquero</i> [barˈkero]       |
| <i>político</i> [poˈlitiko] | <i>politiquero</i> [politiˈkero] |
| <i>poco</i> [ˈpoko]         | <i>poquito</i> [poˈkito]         |
| <i>ronco</i> [ˈronko]       | <i>ronquera</i> [onˈkera]        |
| <i>vaca</i> [ˈbaka]         | <i>vaquero</i> [baˈkero]         |
| <i>rico</i> [ˈriko]         | <i>riqueza</i> [riˈkeθa]         |
| <i>franco</i> [ˈfranko]     | <i>franqueza</i> [franˈkeθa]     |
| <i>carga</i> [ˈkarga]       | <i>carguero</i> [karˈgero]       |

Galego:

|                             |                                    |
|-----------------------------|------------------------------------|
| <i>barco</i> [barko]        | <i>barqueiro</i> [barˈkeyro]       |
| <i>político</i> [poˈlitiko] | <i>barquiño</i> [barˈkiño]         |
| <i>pouco</i> [ˈpowko]       | <i>politiqueiro</i> [politiˈkeyro] |
| <i>rouco</i> [rowko]        | <i>pouquiño</i> [powˈkiño]         |
| <i>vaca</i> [ˈbaka]         | <i>rouquidón</i> [rowˈkidon]       |
| <i>rico</i> [ˈriko]         | <i>vaqueiro</i> [baˈkeyro]         |
| <i>franco</i> [franko]      | <i>riqueza</i> [riˈkeθa]           |
|                             | <i>franqueza</i> [franˈkeθa]       |

Português:

|                             |                                    |
|-----------------------------|------------------------------------|
| <i>barco</i> [ˈbahku]       | <i>barqueiro</i> [bahˈkeyru]       |
| <i>político</i> [poˈlitiku] | <i>barquinho</i> [bahˈkiɲu]        |
| <i>pouco</i> [ˈpoʷku]       | <i>politiqueiro</i> [politiˈkeyru] |
| <i>rouco</i> [ˈhoʷku]       | <i>pouquinho</i> [poʷˈkiɲu]        |
| <i>vaca</i> [ˈvakə]         | <i>rouquidão</i> [hoʷˈkiˈdɔw]      |
| <i>rico</i> [ˈhiku]         | <i>vaqueiro</i> [vaˈkeyru]         |
| <i>franco</i> [raðku]       | <i>riqueza</i> [hiˈkezə]           |
| <i>carga</i> [ahgə]         | <i>franqueza</i> [frəˈkezə]        |
|                             | <i>cargueiro</i> [kahˈgeyru]       |

Os exemplos acima provam que muitos sufixos não causam palatalização das velares. Embora esse assunto não tenha sido minuciosamente investigado, parece que os sufixos que levam à palatalização das velares nas línguas românicas são os mesmos que provocam a palatalização das velares em inglês. Essa alternância não aparece na maioria dos casos como uma alternância paradigmática.

Galego:

|                       |                      |
|-----------------------|----------------------|
| <i>tocar</i> [təˈkar] | <i>toca</i> [təˈka]  |
|                       | <i>toque</i> [təˈki] |

O Galego perdeu o verbo *ficar*, e adquiriu, por empréstimo, o verbo espanhol *quedar*, para substituir *ficar*.

|                                |                               |
|--------------------------------|-------------------------------|
| <i>pescar</i> [peS'kar]        | <i>pesca</i> ['pɛSka]         |
|                                | <i>pesque</i> ['pɛSki]        |
| <i>sacrificar</i> [Sakrif'kar] | <i>sacrifica</i> [Sakri'fika] |
|                                | <i>sacrifiqu</i> [Sakri'fike] |
| <i>fuxir</i> [fuʃir]           | <i>fuja</i> ['fuʃa]           |
|                                | <i>foxe</i> ['fɔʃi] ou        |
|                                | [fu'ʃew]                      |

Português:

|                                 |                               |
|---------------------------------|-------------------------------|
| <i>tocar</i> [tɔ'kah]           | <i>toca</i> ['tɔkə]           |
|                                 | <i>toque</i> ['tɔki]          |
| <i>ficar</i> [fi'kah]           | <i>fica</i> ['fikə]           |
|                                 | <i>fique</i> ['fiki]          |
| <i>pescar</i> [pɛʃ'kah]         | <i>pesca</i> ['pɛʃkə]         |
|                                 | <i>pesque</i> ['pɛʃki]        |
| <i>fugir</i> [fu'ʒih]           | <i>fuja</i> ['fuʒə]           |
|                                 | <i>foge</i> ['fɔʒi]           |
| <i>sacrificar</i> [sakrifi'kah] | <i>sacrifica</i> [sakri'fikə] |
|                                 | <i>sacrifiqu</i> [sakri'fiki] |

Espanhol:

|                                 |                               |
|---------------------------------|-------------------------------|
| <i>tocar</i> [to'kar]           | <i>toca</i> ['toka]           |
|                                 | <i>toque</i> ['toke]          |
| <i>quedar</i> [ke'dar]          | <i>queda</i> ['keda]          |
|                                 | <i>quede</i> ['kede]          |
| <i>pescar</i> [peSkar]          | <i>pesca</i> ['peSka]         |
|                                 | <i>pesque</i> ['peSke]        |
| <i>huir</i> [u'ir]              | <i>huye</i> ['uye]            |
|                                 | <i>huya</i> ['uya]            |
| <i>sacrificar</i> [Sakrifi'kar] | <i>sacrifica</i> [Sakri'fika] |
|                                 | <i>sacrifiqu</i> [Sakri'fike] |

Há, entretanto, alguns exemplos-contrários à suposição de que as velares não alternam paradigmaticamente. Os exemplos-contrários diferem entre o português e o espanhol. É importante observar, em relação à solução proposta neste trabalho, que o espanhol e o português têm diferentes exemplos-contrários.

Foley explica a variação paradigmática de alguns verbos espanhóis, determinando que eles são |k| e |g| subjacentes que sofrem a palatalização da velar diante de  $\left\{ \begin{matrix} i \\ e \end{matrix} \right\}$ . Não há dúvidas que esta solução determina resultados corretos para os verbos cuja derivação é apresentada por Foley. Um destes verbos é *decir* [de'θir].

Presente do Indicativo, singular

1.<sup>a</sup> pessoa — *digo* ['digo]

2.<sup>a</sup> pessoa — *dices* ['diθeS]

Foley estabelece uma forma temática [dik] subjacente e chega às formas acima com a aplicação das regras de assibilação e abrandamento. Esta solução funciona no caso do espanhol mas é impossível ser aplicada ao português. Na tese de Paviani, há a seguinte afirmação: "This velar softening rule should come after the voicing rule." <sup>11</sup>

Em português, o verbo *dizer* [di'zeh] apresenta a alternância seguinte:

Presente do Indicativo, singular:

1.<sup>a</sup> pessoa — *digo* ['digu]

2.<sup>a</sup> pessoa — *dizes* ['dizis]

Se a regra de abrandamento da velar vem depois da regra de sonorização, não é possível explicar o aparecimento do [z] final da raiz, na segunda pessoa do presente do indicativo.

O mesmo acontece com o verbo *trazer* [tra'zeh].

Presente do Indicativo, singular

1.<sup>a</sup> pessoa — *trago* ['tragu]

2.<sup>a</sup> pessoa — *trazes* ['trazis]

Antes de continuar com a discussão da palatalização da velar, seria conveniente examinar as relações entre várias formas paradigmáticas de verbos espanhóis e as formas correspondentes do português e galego. As formas seguintes existem nas estruturas superficiais:

---

(11) Paviani, p. 73.

Espanhol:

|                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|
| <i>crecer</i> [kre'θeɾ]     | <i>crezco</i> ['kreθko]     |
| <i>conocer</i> [kono'θer]   | <i>creces</i> ['kreθeS]     |
|                             | <i>conozco</i> [ko'noθko]   |
|                             | <i>conoces</i> [ko'noθeS]   |
| <i>hacer</i> [a'θer]        | <i>hago</i> ['ago]          |
|                             | <i>haces</i> ['aθeS]        |
| <i>merecer</i> [mere'θer]   | <i>merezco</i> [me'reθko]   |
|                             | <i>mereces</i> [me'reθeS]   |
| <i>nacer</i> [na'θer]       | <i>nazco</i> ['naθko]       |
|                             | <i>naces</i> ['naθeS]       |
| <i>obedecer</i> [obedeθer]  | <i>obedezco</i> [obe'deθko] |
|                             | <i>obedeces</i> [obe'deθeS] |
| <i>oferecer</i> [ofere'θer] | <i>oferezco</i> [ofereθko]  |
|                             | <i>ofereces</i> [ofereθeS]  |

Galego:

|                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|
| <i>crecer</i> [kre'θer]     | <i>creso</i> ['kreSo]       |
|                             | <i>creces</i> ['kreθiS]     |
| <i>conocer</i> [kono'θer]   | <i>conoso</i> [ko'noSo]     |
|                             | <i>conoces</i> [ko'nθiS]    |
| <i>facer</i> [fa'θer]       | <i>fago</i> ['fago]         |
|                             | <i>fas</i> ['faS]           |
| <i>merecer</i> [mere'θer]   | <i>mereso</i> [me'reSo]     |
|                             | <i>mereces</i> [me'reθiS]   |
| <i>nacer</i> [na'θer]       | <i>naso</i> ['naSo]         |
|                             | <i>naces</i> ['naθeS]       |
| <i>obedecer</i> [ɔbede'θer] | <i>obedeso</i> [ɔbe'deSo]   |
|                             | <i>obedeces</i> [ɔbe'deθeS] |
| <i>ofreecer</i> [ɔfre'θer]  | <i>ofereso</i> [ɔ'freSo]    |
|                             | <i>ofereces</i> [ɔ'freθeS]  |

Português:

|                            |                             |
|----------------------------|-----------------------------|
| <i>crescer</i> [kre'seh]   | <i>creço</i> ['kresu]       |
|                            | <i>creces</i> ['kreɛsis]    |
| <i>conhecer</i> [kõñe'seh] | <i>conheço</i> [kõ'ñesu]    |
|                            | <i>conheces</i> [kõ'ñeɛsis] |
| <i>fazer</i> [fa'zeh]      | <i>faço</i> ['fasu]         |
|                            | <i>fazes</i> ['fazis]       |
| <i>merecer</i> [mere'seh]  | <i>mereço</i> [me'resu]     |
|                            | <i>mereces</i> [me'reɛsis]  |
| <i>nascer</i> [na'seh]     | <i>nasço</i> ['nasu]        |
|                            | <i>nasces</i> ['nasis]      |

|                              |                              |
|------------------------------|------------------------------|
| <i>obedecer</i> [ɔ'bede'seh] | <i>obedeço</i> [ɔ'be'desu]   |
|                              | <i>obedeces</i> [ɔ'be'dɛsis] |
| <i>oferecer</i> [ɔ'fere'seh] | <i>ofereço</i> [ɔ'fe'resu]   |
|                              | <i>ofereces</i> [ɔ'fe'rɛsis] |

Todas as outras alternâncias têm sido sempre:

|   |               |  |                  |
|---|---------------|--|------------------|
| $\begin{Bmatrix} k \\ g \end{Bmatrix}$<br>1 1 | alternado com | $\begin{Bmatrix} \theta \\ X \end{Bmatrix}$<br>1 1 | para o espanhol  |
| $\begin{Bmatrix} k \\ g \end{Bmatrix}$<br>1 1 | alternado com | $\begin{Bmatrix} \theta \\ s \end{Bmatrix}$<br>1 1 | para o galego    |
| $\begin{Bmatrix} k \\ g \end{Bmatrix}$<br>1 1 | alternado com | $\begin{Bmatrix} s \\ z \end{Bmatrix}$<br>1 1      | para o português |

Depois de observar os exemplos acima e sua falta de correspondência de sons com a palatalização da velar, parece razoável que a alternância tenha outra fonte que não a palatalização. Para explicar as alternâncias verbais tais como:

|         |          |
|---------|----------|
| mereço  | mereces  |
| ofereço | ofereces |

Paviani estabelece:

This [s] of [me'resu] comes from an underlying cluster *sk* which still remains in the spelling of (*crescer*) 'to grow' (*creço*) 'I grow' and (*nacer*) 'to be born' (*nasço*) 'I am born'. This *sk* cluster becoming *ss* by the following assimilation rule:

$$k \longrightarrow s / \quad V_s \text{ — } \left[ \begin{array}{c} V \\ +\text{back} \end{array} \right]$$

and later the geminated simplification rule applies. Thus (*conhecer*) and (*conheço*) have the following derivation:

|              |            |                                |
|--------------|------------|--------------------------------|
| /konieskere/ | /koniesko/ |                                |
| konieskére   | koniésko   | 1. stress rule                 |
| konieskér    | —          | 2. e-elision                   |
| koniessér    | —          | 3. velar softening             |
| —            | koniéssu   | 4. velar assimilation          |
| kofiessér    | kofiéssu   | 5. nasal palatalization        |
| kofessér     | kofiéssu   | 6. i-deletion                  |
| —            | kofiéssu   | 7. vowel closing               |
| kofiésér     | kofiéssu   | 8. geminated simplification 12 |

(12) Idem, pp. 76-77.

A assimilação referida acima é uma mudança histórica mas não há evidência que seja também um processo sincrônico. [k] não se assimila no [s] que o precede em palavras tais como:

*brusco* ['brusku]  
*busco* ['busku]  
*cosca* [kɔska] (vocábulo vulgar)

Para atingir a mesma mudança, o grupo [sk] sofre a aplicação de regras diferentes na solução de Paviani, dependendo da vogal seguinte ser posterior ou não. Uma generalização está faltando na solução acima.

Não seria difícil mostrar que o português antigo tem uma velar final [k] na raiz desses verbos e que esse [k] se palataliza antes de vogal anterior. O galego ainda mantém esse [k] na raiz do verbo *facer*. Propõe-se neste estudo que posteriormente, quando a regra de palatalização da velar se tornou sem ação, as formas foram reestruturadas e, atualmente, elas não têm [k] em suas formas subjacentes. Verbos como *dizer* e *trazer* serão considerados como resíduos.

Outro exemplo-contrário à suposição da falta de alternância paradigmática é:

Espanhol:

*médico* ['mediko]                      *medicina* [medi'θina]

Galego:

*medico* ['mɛdiko]                      *medicina* [mɛdi'θina]

Português:

*médico* ['mɛdiku]                      *medicina* [mɛdi'sĩnɔ]

Essa raiz tem de ser marcada no léxico para sofrer a aplicação da regra de abrandamento da velar.

Os exemplos seguintes confirmam que não há razão para admitir-se a regra de abrandamento da velar como sendo uma regra principal em Português:

*fuga* ['fugɔ]  
*fugida* [fu'ʒidɔ]  
*fujão* [fu'ʒɔw]  
*fugir* [fu'ʒih]  
*fugitivo* [fu'ʒitivu]

Na conjugação de *fugir*, não há alternâncias:

Presente do Indicativo, singular

1.<sup>a</sup> pessoa — *fujo* ['fužu]

2.<sup>a</sup> pessoa — *foges* ['fožis]

Presente do Indicativo, singular

1.<sup>a</sup> pessoa — *fuja* ['fužð]

2.<sup>a</sup> pessoa — *fujas* ['fužðs]

O verbo mantém a velar palatalizada [ž], indiferente à qualidade da vogal seguinte. *Fuga* pertence ao vocabulário erudito e a palavra vulgar para *fuga* é *fugida*. O problema de estabelecer-se se a raiz é única ou dupla tem que ser resolvido. A palavra vulgar *fujão* que tem um [ž] antes de [a] sugere a possibilidade de atribuir uma raiz para a palavra erudita *fuga* e outra para os demais exemplos.

Se aceitarmos tudo que foi dito anteriormente, restarão poucas palavras que palatalizam [k] e [g] antes de [i] ou [e]. Como se sugeriu anteriormente, o que existe nas gramáticas sincrônicas das três línguas é uma regra secundária que se aplica aos resíduos resultantes de uma mudança sonora histórica.

#### 4. Evidências históricas

O sistema fonológico das consoantes do latim clássico é o seguinte:

|   |   |   |                |
|---|---|---|----------------|
| p | t | k | k <sup>w</sup> |
| b | d | g | g <sup>w</sup> |
|   | s |   |                |
| m | n |   |                |
| w | r |   |                |

Alarcos Llorach afirma:

El elemento labial de 'que' y 'gu' si era diferente de las realizaciones de /u/, solo aparece tras 'q' y 'g' y ante fonema vocal; en las demás posiciones aparecian otras variantes de /u/, bien vocálicas, bien consonánticas. Y las posibles variantes [q] [g], elemento velar de los supuestos fonemas teníamos [k] [g], o bien [k'] [g']. Parece, pues, que, [qwl] y [gw] no eran más que realizaciones de las combinaciones asilábicas /ku/ e /gu/.<sup>13</sup>

(13) Emilio Alarcos Llorach — *Fonología Española*, (Madrid, 1961), p. 221.

Como foi sugerido antes, [k<sup>w</sup>] e [g<sup>w</sup>] são melhor tratados como /ku/ e /gu/ subjacentes nas línguas estudadas. Não há fonemas palatais no latim clássico. A palatalização de diversos fonemas começa a realizar-se quando o sistema fonológico do latim clássico é modificado para dar origem ao sistema do latim vulgar.

Vários fonemas são palatalizados em ambientes específicos. Estas regras são regras de contexto sensitivo e, como tal, estão de acordo com a restrição: "Split is in result of context-sensitive rules".<sup>14</sup>

Para a maioria dos autores, a primeira palatalização que tem lugar no sistema é a de [t] antes de [y]. Tal palatalização é importante em relação a este trabalho, desde que ela se funde com a palatalização da velar [k]. Daí em diante, os dois sons permanecem juntos e originam um novo fonema. Neste ponto, as formas que sofreram a regra de palatalização, reestruturam-se nos seus léxicos.

O presente estudo propõe uma regra principal em latim vulgar que palataliza as velares em certos ambientes. Esta regra torna-se mais generalizada no proto-romance e eventualmente faz com que as palavras sejam reestruturadas e então a regra desaparece.

Cada mudança descrita aqui resulta da introdução de regras sensíveis ao contexto na gramática das três línguas. Alarcos Llorach descreve tal fusão como sendo o resultado de uma pressão no sistema fonológico, isto é, um tipo de 'drift' de Martinet.<sup>15</sup>

Desde que os exemplos dessas mudanças são controversos, este assunto ficará em aberto no presente trabalho. A única afirmação que se pode fazer é que elas ocorreram nesta ordem:

- a) t → ts / \_\_\_\_\_ y
- b) k → k' / \_\_\_\_\_  $\left\{ \begin{array}{l} y \\ i \\ e \end{array} \right\}$
- c) k → ts / \_\_\_\_\_  $\left\{ \begin{array}{l} y \\ i \\ e \end{array} \right\}$

(14) Robert T. Harms — "Split Shift and Merger in the Permian Vowels", *Ural — Alteische Jahrbücher*, Separatum (Wiesbaden, 1967), pp. 172-173.

(15) Alarcos Llorach — pp. 227-228.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCOS LLORACH, Emilio — *Fonología Española* — Madrid, 1961.
- ALONSO, Amado — *De la Pronunciación Medieval a la Moderna en Español*. Tomo I, Madrid, 1955.
- ANDRADE, V. Paz — “A Evolucion Tras-Continental da Língua Galaico-Portuguesa”, *O Porvir da Língua Galega*, Vigo, 1968.
- BACH, Emmon and HARMS, Robert — “How do Languages Get Crazy Rules”. Texas, 1969. Artigo fotocopiado para distribuição em curso.
- CARBALLO CALERO, Ricardo — *Gramática Elemental del Gallego Común*. Segunda Edición, Vigo, 1968.
- “Sobre os Dialectos do Galego”, *Grial*, Vigo, n.º 23, xaneiro, febreiro, marzo, 1969.
- CATALÁN, Diego — “El ceceo-zeceo al comenzar la expansión atlántica de Castilla”, *Boletim de Filologia*, Lisboa tomo XVI, 1957.
- CHOMSKY, Noam and HALLE, Morris — *The Sound Pattern of English*. New York, 1968.
- FOLEY, James A. — “Morphophonological Investigation II.” Artigo fotocopiado.
- *Spanish Morphology*. Dissertation, University of Nebraska, 1960.
- FRANCO GRANDE, Xosé Luis — *Diccionario Galego-Castelan*. Vigo, 1968.
- HARMS, Robert T. — “Split, Shift and Merger in the Permic Vowels”, *Ural-Altäische Jahrbücher*, Separatum, Wiesbaden,
- HARRIS, James W. — *Spanish Phonology*. Massachusetts, 1969.
- HART JR., Thomas R. — “Notes on Sixteenth Century Portuguese Pronunciation”, *Word*, New York, vol. 11, n.º 3 (december 1955).
- HOLLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque — *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 11.ª Edição, Rio de Janeiro, 1969.
- LAUSBERG, Heinrich — *Linguística Románica*. Madrid, Tomo I, 1965.
- MARTINET, André — *Economie des Changements Phonétiques*. Berne,
- and SWADESH, Morris — “Occlusives and Affricates with Reference to Some Problems of Romance Phonology”. *Word*, New York, vol. 5, n.º 2 (August, 1949).
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón — *Manual de Gramática Histórica Española* — Madrid, 1929.
- *Orígenes del Español*. Tercera Edición. Madrid, 1950.
- PAVIANI, Lea Andrade — *Brazilian Portuguese Morphophonology*. Thesis, University of Texas, 1969.
- SILVA NETO, Serafim da — *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1952.
- TORO Y GISBERT, Miguel de — *Pequeño Larousse Ilustrado*. Paris, 1964.
- WILLIAMS, Edwin B. — *From Latin to Portuguese*. Philadelphia, 1962.